

Favelas gigantes

Desde ontem especialistas de 185 países reúnem-se em Nova Iorque para encontrar soluções destinadas a melhorar a vida de 2,4 bilhões de pessoas que vivem nas cidades do planeta.

Trata-se de uma reunião preparatória da Habitat II, uma grande cúpula da ONU, que se reúne em junho na Turquia com os mesmos objetivos da Habitat I. Desalentadora é a constatação de que desde a última grande cúpula sobre o assunto a situação das cidades se agravou de forma preocupante.

Embora as grandes cidades sejam problemáticas em qualquer hemisfério, a situação é pior nas megalópoles do mundo pobre. As duas mais populosas cidades do mundo estão localizadas em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Cidade do México, a capital do México, e São Paulo, a capital econômica do Brasil, respectivamente a primeira e segunda em população, são cidades altamente problemáticas.

Após São Paulo, Salvador é a terceira mais populosa cidade do Brasil. Tanto quanto Sampa ou Cidade do México, Salvador apresenta problemas graves e a qualidade de vida de sua população é das piores possíveis.

X
X X

As perspectivas para o próximo milênio, que vai rair daqui a quatro anos, são as mais funestas que se possa imaginar. No ano 2025, as cidades dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento devem abrigar 80% do total da população urbana do mundo. A concentração da renda está intimamente vinculada às péssimas qualidades de vida nas grandes cidades. O caso de Jacarta é típico. Trata-se da capital do país terceiro maior produtor de petróleo do mundo, a Indonésia. No entanto, a situação dessa cidade em termos de qualidade de vida é tão caótica que a paisagem seria mais adequada a um daqueles países africanos sócio-economicamente inviáveis.

É verdade que megacidades de países altamente desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos e do Japão, igualmente são relacionadas entre as problemáticas. O que difere, entretanto, Nova Iorque e Tóquio das megacidades do mundo pobre é o tipo de problemas. Enquanto nas cidades do Terceiro Mundo, por exemplo, um dos problemas mais sérios é o transporte coletivo, nas grandes cidades de países ricos o problema é o trânsito.

Se a poluição é um problema comum a São Paulo, Rio de Janeiro e Cidade do México e também a cidades de países desenvolvidos como Tóquio e Nova Iorque, a coleta de lixo é um problema

típico das cidades de países pobres ou miseráveis. Juntando-se tudo isto ao analfabetismo, ao êxodo rural e à falta de controle demográfico, o que vemos é o habitante das grandes cidades atormentado por pragas as mais detestáveis, que vão desde a proliferação de baratas, mosquitos e cupins até a falta de água potável ou esgotamento sanitário. Quanto a um dos temas centrais da Habitat, a moradia, nem é bom falar da situação de desigualdade extrema entre os que vivem nas grandes cidades do Hemisfério Norte e quem vegeta nos centros urbanos do Hemisfério Sul.

X
X X

Seria injusto desconhecer iniciativas governamentais, não-governamentais ou comunitárias para enfrentar os graves problemas que afligem as grandes cidades do mundo.

No Brasil as experiências são conhecidas, mas deixam muito a desejar em termos do universo atendido. Em Santa Catarina ou no Paraná os pobres trocam o lixo por vales-transporte ou alimentos. Em Minas Gerais, a comunidade se junta a autoridades com ajuda do exterior para urbanizar favelas e em Londrina o entulho é reciclado em tijolos para habitação popular.

No entanto, a questão central de qualquer solução é a carência de recursos. Para solucionar o problema tem-se sugerido que as grandes prefeituras lancem mão de recursos externos. Pode ser uma faca de dois gumes, porque foi justamente pelo acúmulo de dívidas que a administração de Nova Iorque chegou às portas da falência. Organismos internacionais proporcionam financiamentos a juros baixos e prazos longos, mas a obtenção de tais recursos passa por burocráticas e lentas tramitações no Legislativo. O prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, lembra que um financiamento dessa natureza leva no mínimo dois anos para ser liberado. Ou seja, a metade de um período administrativo.

X
X X

Seria muito pessimismo prever que a próxima Habitat significará mais uma super-reunião inútil (devem participar 60 mil delegados na cúpula da Turquia). Mas seria excesso de otimismo acreditar-se que as cúpulas possam resolver problemas de base que se avolumam através de décadas sucessivas. O meio termo seria apostar em soluções integradas e diversificadas. Ou seja, desde a boa aplicação dos financiamentos externos até o estímulo à criatividade popular.

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Favela	
Data	06.02.96	
Caderno	1	Página 6
Seção		
Assunto	HABITAT II	